



Educomunicação e Protagonismo Juvenil na Rádio Escolar



Edemilson Gomes de Souza
Ademilde Silveira Sartori

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar reflexões e relatos sobre uma rádio escolar educ comunicativa buscando caminhos para fortalecer diálogos entre a comunidade escolar, promovendo autoaprendizagem e o protagonismo juvenil, na perspectiva do direito humano. Assinalamos alguns desafios da interface comunicação/educação e apontamos algumas ações educ comunicativas à luz das ideias de Ismar Soares, Paulo Freire e Mario Kaplún. Este artigo apresentará alguns dados de uma pesquisa de mestrado em Educação na UDESC – realizado pelo autor – na linha de Educação, Comunicação e Tecnologia que está em andamento, mas que já permite algumas reflexões e podem auxiliar nos estudos da Educomunicação. A pesquisa foi realizada no Centro Educacional Marista de São José no Projeto Jornada Ampliada que oferece atividades sócio-educativas de contra turno (rádio, TV, teatro, violão, entre outros) para crianças e adolescente de alta vulnerabilidade. As citações referentes aos educandos são nomes fictícios para preservar a identidade dos mesmos. Dentre as praticas pedagógicas educ comunicativas envolvidas no Projeto, a rádio e a TV têm provocado inquietações de como esses instrumentos pode promover o protagonismo juvenil e levar a comunicação como um direito humano, dentro do espaço escolar.

Assim, na contemporaneidade, reconhecemos que há pessoas vivendo em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. Que os avanços tecnológicos, midiáticos e comunicacionais dão origem a um mundo de possibilidades para as práticas socioculturais, invadindo a comunidade escolar e impondo novos desafios ao contexto educacional.

De acordo com Sartori (2014, p. 67):

Hoje, além das rodas de conversa, há quem frequente também as salas de bate-papo, as redes sociais, os blogs e os jogos on-line; assiste-se TV não só pelo tradicional aparelho devidamente instalado na estante da sala ou do quarto, mas também pelos celulares, smartphones, tablets, etc. Com a câmera digital (que já vem acoplada desde simples aparelhos celulares até os de tecnologia de ponta) faz-se fotografia e coloca-se nos álbuns por opção. É possível ver o resultado de um momento congelado pela câmera fotográfica logo após o clic, além disso, podemos postar praticamente no mesmo instante nas redes sociais e/ ou de acomoda-las nos álbuns virtuais.

Se existem novas formas de viver, sentir e pensar, é preciso que se pense também nas novas formas de aprender e, portanto, nas novas formas de ensinar, nas novas expectativas e nas novas demandas, não só dos sujeitos-alunos, mas também dos sujeitos-professores, já que todos estão inseridos (em maior ou em menor grau) nesta contemporaneidade repleta de tecnologias e mídias.

Transitamos o tempo todo entre espaços individuais e coletivos ao acessarmos a internet. Por exemplo: apesar de estarmos em casa sozinhos, estamos interagindo de alguma forma com os conteúdos que estamos selecionando, lendo ou até ouvindo e depois iremos compartilhar com outras pessoas aquilo que nos foi significativo, ou seja, vamos partilhar nossa experiência e produzir ou reproduzir conhecimentos.

O fato é que a educação formal, tradicional, nos moldes como a conhecemos, está sendo desafiada cotidianamente pelos visíveis reflexos dos avanços das tecnologias e pela presença das mídias na vida das pessoas. A escola já não se configura mais como o único local de construção e reconstrução de conhecimentos. Diante dos imensos canais por onde se acessa, se troca e se discute informações para além dos muros da escola, ocorre uma mudança paradigmática da educação, que deixou de ser concebida como centrada no ensino e passou a ser baseada na colaboração e construção coletiva, instigada pelo desenvolvimento tecnológico. E é aí que se encontra o desafio imposto à educação escolar: como responder às novas gerações de forma mais flexível e aberta?

Diante desse novo quadro a educomunicação parece cada vez mais uma alternativa para esta sociedade que assimila e é assimilada pela cultura digital.

A educomunicação nos parece pertinente para (re)pensar as questões que desafiam o trabalho pedagógico dos/das professores/as, questões estas, objeto de conhecimento tanto da área da educação quanto da comunicação. De acordo com o entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP, o conceito de educomunicação designa um campo de ação emergente na interface entre tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar a possibilidade de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente

da infância e juventude. Ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo.

2. EDUCOMUNICAÇÃO: A BUSCA DO DIÁLOGO

A educomunicação, enquanto interface entre a comunicação e a educação, é tanto um campo teórico como também uma prática, preocupada com o “eixo das relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos” (SOARES, 2011, p. 18). A comunicação e a educação são conceitos e práticas intrinsecamente relacionados, como aponta Freire, quando afirma que “a educação é comunicação, é dialógica, na medida em que não é transferência de saber, mas encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69).

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos seres para si mesmos (FREIRE, 1979, p. 43).

De acordo com Freire o diálogo é um elemento crucial para problematizar o conhecimento. Não era um diálogo complacente, um diálogo para o nada, e sim uma modalidade que indagava os saberes mútuos e questionava o conhecimento preestabelecido. O diálogo não é um mero bate-papo, o diálogo é uma metodologia e uma filosofia.

O que se pretende, com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1973, p. 57).

Uma nova leitura da obra de Paulo Freire nos dá pistas para restabelecer as relações entre a comunidade escolar. Nessa superação de funções que as tecnologias digitais permitem realizar, em que todos podemos ser co-participantes, é preciso recuperar e desenvolver, conjuntamente, uma perspectiva crítica. Na atualidade, os participantes da web podem estabelecer uma relação entre iguais que estão em interação constante. Estas práticas da rede também

podem ser utilizadas em contexto reais. A tecnologia digital pôs em evidência práticas enunciadas há quarenta anos, que podem ser desenvolvidas nas escolas ou nos meios de comunicação convencionais. Não se trata de uma questão tecnológica, mas de uma dimensão metodológica, pedagógica e ideológica:

O diálogo e a problematização não adormecem ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador e educando vão ambos desenvolvendo uma postura crítica, da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas, sobretudo, tendo de justificar se na sua transformação (Freire, 1973, p. 62).

Promover relações dialógicas significa entender que o convívio, a apreensão, a produção do conhecimento e a gestão das decisões são processos que precisam ser participativos e horizontais, na medida em que se dão na construção e realização da autonomia de cada um. Freire destacou que “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode sem a coparticipação de outro sujeito no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário” (FREIRE, 1977, p. 66).

Somos sujeitos sociais, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhando saberes historicamente constituídos, negociando significados, em uma ação necessária, natural e inevitável. Para Freire (2003, p. 79), “todos educam; todos ensinam e aprendem. Por isso, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Ao analisar o tipo ou modelo de relação dos interagentes, Freire especificava que nos modelos baseados na transmissão não havia comunicação. Essa relação se dá ainda hoje na maioria das escolas e é a prática que continuam exercendo os meios convencionais de comunicação. Em todo ato comunicativo, seja face a face ou mediado por uma tecnologia, tem que ser produzido um ato de encontro e de reciprocidade entre todos que participam desse canto comunicativo.

Segundo Freire, no processo de comunicação não há uma divisão entre emissores e receptores. Todos são sujeitos ativos no ato de comunicativo. Por isso: Comunicar é comunicar-se em torno do significado signifiante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. “Os sujeitos, sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo” (FREIRE, 1973, p. 75).

O modelo de ensino aprendizagem que Paulo Freire (1969) criticava estava centralizado em uma concepção bancária da educação, isto é, em um modelo transmissor que impunha um determinado relacionamento entre docentes e alunos.

Kaplún descreve estas questões como duas dimensões tradicionais, em que se estabelecem funções específicas ainda hoje reproduzidas.

Este método, dizia Kaplún, está baseado na relação entre docente e o livro didático, que é a principal fonte de informação nas salas de aula. Não se dá importância ao diálogo e à participação, “valoriza-se muito o dado e muito pouco o conceito, a boa retenção dos conteúdos (isto é, sua memorização) é premiada, e a reprodução pouco fiel é castigada. A elaboração pessoal do educando é, também, reprimida como erro”. E acrescenta: “A experiência de vida dos educandos é desvalorizada” (KAPLÚN, 1996, p. 205).

Essa Educação bancária é um modelo que muitas vezes vem da formação universitária que deixa de lado as interações grupais e a produção dialógica na academia. Nesse sentido, Roberto Aparici (2014, p. 35) escreve: “O velho discurso universitário carece de mediações pedagógicas, está centralizado em uma palavra despersonalizada, obstinada em transmitir ciência; fecha oportunidades de expressão, entende pouco ou nada de meios audiovisuais, e frequentemente entende ainda menos de interação grupal. Como formar comunicadores a partir de semelhantes matrizes?”.

Estas questões, que foram objeto de debates no século passado, continuam ainda vigentes na primeira década deste segundo milênio, em que as tecnologias digitais tornaram visíveis as práticas comunicativas e pedagógicas dos meios de comunicação e das instituições educativas.

A educomunicação nos apresenta uma filosofia e uma prática da educação e da comunicação baseadas no diálogo e na participação, que não exigem somente tecnologias, mas também uma mudança de atitudes e de concepções pedagógicas e comunicativas.

3. A PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO E AUTOAPRENDIZAGEM

A comunicação na educação muitas vezes é considerada somente como um conjunto de meios e instrumentos, isso é importante, pois há coisas válidas e que devem ser consideradas. Contudo, acredito e compartilho com Mario Kaplún, que ao identificarem comunicação somente como instrumento e meio, são redutivos e empobrecedores. Por outro lado qual seria o papel da comunicação na educação? A verdade é que essa discussão vai longe e o diálogo entre a educação e a comunicação está distante de ser, até agora, fluido e frutífero. Há também quem diga que educação e comunicação são a mesma coisa, que educar é comunicar e que toda educação é um processo de comunicação. Essas verdades são bem vindas, na medida em que nos ajudam ampliar a perspectiva e as reflexões.

Quando um conceito se incha, até considerar-se como total (“toda educação é comunicação”, “tudo é comunicação”, “tudo é cultura”...), corre um sério perigo de converter-se em nada; em algo tão abrangente e efêmero que se esvazie de conteúdo; e, certamente, de outra vez – extremos que se tocam – não contribuir para nada e deixar os dois vetores tão dissociados como no princípio. Porque se ambos se tornarem um só, se se confundirem em um, como discernir a identidade de uma proposta que, desde o específico da comunicação, quer contribuir para a procura de um novo modelo educacional? (KAPLÚN, 2014, p. 60).

Mas, enfim o que devemos entender por comunicação educativa? Onde marcar o ponto de convergência entre as duas dimensões; como ambas podem se articular e interagir? Como potencializar autoaprendizagem. Procuraremos aprofundar estas questões, mas a partir de uma prática: concentrando-nos em uma experiência concreta, singularmente reveladora.

A experiência de Freinet nos faz pensar no papel da comunicação na educação. Numa escola pequena no Sul da França, no ano de 1924, em uma Aldeia dos Alpes Marítimos, chamada Bar-Sur-Loup, um jovem educador, enfrentou grandes desafios. Um ensino que estimulava a “decoreba”, repressivo, mecânico, não tendo relação com a vida, que deixa as crianças em uma atitude passiva. Além disso, a escola só tinha duas salas de aulas e dois professores para todos os graus escolares: assim, ele tinha de ensinar simultaneamente aos

alunos (mais de quarenta) de vários níveis. Como contemplar a todos? Como se isso não bastasse tinha sua saúde comprometida: foi soldado na segunda guerra mundial e havia sido ferido no pulmão. Depois de meia hora de esforço, dando aula, tinha que sair correndo da sala porque faltava respiração e acessos de tosses eram constantes. Portanto tinha que buscar outros recursos. Um grande desafio. Até que ao folhear um catálogo de vendas por correio, encontrou uma imprensa manual – simples, elementar, relativamente barata e manejável por crianças. Onde teve a ideia de introduzir um meio de comunicação na sala de aula. Com suas magras economias comprou a mini-imprensa, instalou na sala de aula colocando a disposição dos alunos. Implementou, então, o “jornal escolar”; mas não entendido – como se costuma fazer hoje em dia – como uma mera atividade complementar, “extracurricular”, mas como eixo central, como o motor do processo educativo. A aula se transformou, de maneira permanente, em sala de redação do jornal, além de oficina de composição e impressão. O caderno escolar individual foi abolido. Tudo o que as crianças aprendiam, tudo o que pesquisavam, refletiam, sentiam e viviam, era levado às páginas do jornal escolar, completamente rígido, ilustrado desenhado e impresso por eles.

Obviamente, agora sim, todos os estudantes estavam ativos e ocupados: um redigindo, outros compondo ou imprimindo. No entanto foi algo a mais que uma solução ao problema das atividades. Aquele meio de comunicação mudou toda dinâmica de ensino/aprendizagem. Os pequenos jornalistas aprendiam realmente a redigir para expressar suas ideias, aprendiam a estudar e a pesquisar de verdade, porque agora tinham uma motivação e um estímulo para fazê-lo: esse conhecimento que produziam já não era para cumprir uma obrigação- o clássico “dever de casa” ou “exercício escolar”- nem para registrá-lo em um caderno individual (em que jazeria perdido ou morto e só seria lido pelo professor para corrigi-lo e “dar nota”), e sim para publicá-lo, comunicá-lo, compartilhá-lo: com os colegas, familiares e outros moradores da cidadezinha.

Assim, incentivadas, as crianças mergulhavam na realidade para procurar dados a fim de ampliar seus artigos jornalísticos e garantir veracidade, saiam, por própria iniciativa, para fazer entrevistas, enquetes, observações, medições e cálculos.

Havia uma exigência, e não era, por certo, da autoridade do professor nem da sanção da nota da qual esta emanava: as informações tinham de ser corretas e verificadas, posto que iam circular por toda a aldeia. Nisso estava, portanto, o coletivo da redação, formado por todos os colegas, para discutir artigos e exigir clareza, exatidão e rigor.

Ao mesmo tempo, os alunos interessaram-se por ler a imprensa profissional e analisar as notícias. A coleção do jornal escolar foi se tornando a memória coletiva do grupo, registro de seu processo de descobrimento e de seus avanços na produção de conhecimento. De aquisição individual, o saber passou a transformar-se em construção coletiva, em produto social, de acordo como método de Freinet.

Essa experiência pedagógica se espalhou para outras escolas e alguns professores, que, sabendo da inovação pediram, para que lhe enviasse exemplares para serem distribuídos para seus alunos. Os alunos bebiam as palavras, devoravam o jornal com avidez, relataram os professores da época. Eram alunos escrevendo para alunos. Coisas em comuns. Suas produções eram valorizadas. Essa prática se espalhou por várias escolas públicas da França, todas elas pobres e relegadas. De acordo com Freinet:

A imprensa na escola tem um fundamento psicológico e pedagógico: a expressão e a vida dos alunos. Alguém poderia argumentar que se poderia conseguir a mesma coisa com a expressão manuscrita e individual. Mas não é assim. Escrever um jornal constituiu uma operação muito diferente de encher um caderno escolar, porque não existe expressão sem interlocutores. E, como na escola tradicional a redação só está destinada à censura ou correção do professor, pelo fato de ser “um dever”, não pode ser um meio de expressão [...].

A criança deve escrever para ser lida – pelo professor, por seus colegas, por seus pais, por seus vizinhos- e para que o texto possa ser difundido através da imprensa e colocado assim ao alcance dos comunicantes que o leiam, desde os mais próximos aos mais distantes [...].

A criança que comprova a utilidade de seu trabalho, que se pode entregar a uma atividade não só escolar como também social e humana, sente liberar-se em seu interior uma imperiosa necessidade de agir, procurar e criar [...]. Na medida em que se escrevem e veem seus escritos publicados e lidos, vai aumentando a curiosidade e desejo de saber mais, de pesquisar mais, de conhecer mais [...]. Eles mesmos procuram, experimentam, discutem, refletem [...]. Os alunos assim revigorados e

renovados têm um rendimento muito superior, tanto quantitativamente como qualitativamente, ao exigido pelo velho sistema repressivo [...]. O jornal mudou totalmente o sentido e o alcance da pedagogia de minha aula porque dá ao aluno consciência de seu próprio valor e o transforma em ator, o vincula ao seu meio social e amplia os horizontes de sua vida. (FREINET, 1975, p. 45).

O que nos impressiona no exemplo de Freinet, é a forma de enfrentar o conflito, transformando a dificuldade em desafio e construindo um novo cenário pedagógico que potencializasse as faculdades de seus educandos para autoaprendizagem.

Os educandos da escola de Freinet iam para rua observar e pesquisar. A pedagogia freinetiana é claramente uma pedagogia de autoaprendizagem; mas não a partir do esquema individualista – como o da educação a distância tradicional, com estudantes confinados cada um em sua casa, e sim inscrita em uma concepção substancialmente coletiva do processo educativo. Para aqueles estudantes, todo seu entorno ambiental e social se transformou em objeto e fonte de conhecimento.

Uma nova escola capaz de responder aos desafios da educação deverá possibilitar e potencializar autoaprendizagem e coaprendizagem. Aprender a aprender no seu próprio caminho para o conhecimento. O educando aprende fazendo. Ao elaborar a pauta da rádio ele desperta para um novo assunto. A observação, raciocínio crítico, a elaboração criativa, a troca com os colegas, os desafios, o trabalho em equipe, ensinam a esse educando novos conhecimentos. O educador tem uma nova roupagem. Ele é um Mediador, um facilitador, um orientador. O professor é um estimulador.

A intenção não é acabar com a figura do educador, nem negar a importância do mesmo no processo educativo. Mas deixar de vê-lo como único eixo do processo educativo e colocar suas contribuições dentro de um contexto, mais amplo e mais dinâmico, de interações no qual ele possa ser cada vez menos necessário.

Viver em comunidade pressupõe partilhar objetivos, crenças, aspirações, conhecimentos, mentalidades, ou seja, partilha de cultura. A educomunicação potencializa essas ações e autoaprendizagem, assim como abre novos horizontes para a forma de olhar o mundo e nele estar.

De acordo com o Soares:

Nos projetos educacionais os alunos ampliam ainda mais o vocabulário e seu repertório cultural; aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para trabalho em grupo, para negociação de conflitos e para planejamentos de projetos. Além de auxiliar no desempenho escolar e outros ganhos. Além disso, a partir dessa participação, surgem grêmios estudantis, cooperativas de trabalhos, grupos juvenis de intervenção comunitária e periódicos. (SOARES, 2011, p. 25).

Segundo Soares (2002, p. 24), precursor da educomunicação no Brasil, o trabalho docente voltado para as práticas de utilização de recursos da mídia, torna os alunos críticos diante dos fatos sociais e dos meios de comunicação, “transformando o espaço escolar num grande espaço para a produção de rádio, música, revista, jornal, teatro, através de um processo democrático”. Mas é necessário “que os conceitos sejam produzidos de forma coerente com a verdade científica e coerente com os anseios da cidadania, associando-os. Isso é educomunicação”.

Para o mesmo autor:

[...]a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos polos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão. (SOARES, 2002, p. 24).

Essas ações educacionais não servem como salvação da educação, mas para pensarmos algumas saídas para um ensino que emancipa. Entender como se dá a comunicação no ambiente escolar e como essas práticas pedagógicas educacionais estimulam o diálogo da comunidade escolar e potencializam o protagonismo juvenil é apenas um ensaio em busca de novos olhares.

4. EDUCOMUNICAÇÃO E O PROTAGONISMO JUVENIL

O termo protagonismo juvenil surgiu no cenário político e econômico no final da década de 1980, como a concepção de empoderamento e participação

democrática da juventude, e está relacionado à noção de sujeitos de direitos, presente no Estatuto da juventude, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e no Estatuto da Criança e do Adolescente. A palavra é originada do grego **protagnistés**, que se refere ao ator principal no teatro grego ou que ocupa o papel central num acontecimento (FERRETTI, 2004). Essa expressão remete participação no processo de transformação política e social, atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, a responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania (STAMATO, 2009).

Educar para a solidariedade e o protagonismo juvenil é uma exigência contemporânea, pois os problemas do cenário social possuem caráter e dimensões planetárias que não se pode ignorar.

Envolver a comunidade escolar (professores, alunos e colaboradores) na reflexão sobre protagonismo juvenil exige a resignificação das ações solidárias a fim de desenvolver o senso de responsabilidade social. Isso implica em assumir um compromisso pelo bem individual e coletivo, reconhecendo a legitimidade no outro.

Uma formação voltada à solidariedade explora os direitos essenciais, assim como estabelece os direitos básicos. Para realizar esse trabalho, é preciso estabelecer entre a comunidade educativa uma rede solidária de apoio recíproco na realização e desenvolvimento dos objetivos educacionais que, por si, é também pedagógica, uma vez que cria um ambiente educativo em seu modo de ser e fazer.

Isso requer formação continuada, persistência, compreensão dos problemas advindos dos diferentes contextos sociais e diferenças entre os sujeitos. Todos os membros da comunidade educativa devem ser convidados a refletir acerca do que cada um pode fazer para construir uma sociedade mais justa e como exercer sua cidadania, expressando, concretamente, a solidariedade.

Um ensino de cooperação deve explorar o âmbito social, interpessoal, pessoal e acadêmico. Isso implica em práticas consistentes que respondam a conflitos, situações e problemas relacionados aos sujeitos, à sociedade e à produção de conhecimento. Os sujeitos envolvidos no processo, considerando os contextos e

as identidades, precisam elaborar construções pessoais cada vez mais complexas e abrangentes.

A sociedade contemporânea e suas demandas exigem que estejamos em constante movimento de aprendizagem, ou seja, que continuemos aprendendo ao longo da vida. Isso implica um processo de ensino-aprendizagem voltado a práticas reflexivas que incentivem, dinamicamente, o ensinar a pensar, a comunicar, a pesquisar, a raciocinar de forma lógica, a fazer sínteses e elaborações teóricas, a ser protagonista, enfim, a interagir com autonomia reflexiva, de forma a promover o exercício pleno da cidadania e de sua responsabilidade para com a sociedade (FREIRE, 1997).

Nessa linha de trabalho, percebemos a formação do aluno pesquisador, comunicador e solidário. Desenvolver essas competências exige mais do que formação acadêmica, pois implica cultivo de valores e princípios éticos a fim de favorecer o desenvolvimento da dimensão humana em todos os sujeitos do processo. Para tanto, precisamos estar abertos às situações emergentes em sala de aula e no cotidiano escolar, possibilitando estabelecer novas práticas e desenvolver esquemas mentais que articulem conhecimentos adquiridos e demonstrem mudanças de atitudes. A seguir veremos algumas práticas educacionais que potencializam o protagonismo juvenil, estimulando o diálogo na comunidade escolar.

5. EXPERIÊNCIA DE UMA RÁDIO ESCOLAR EDUCOMUNICATIVA

O Centro Educacional Marista São José, que fica localizado no bairro Jardim Zanellato, desenvolve oficinas com práticas pedagógicas educacionais estimulando o trabalho em equipe e autoaprendizagem. Essas oficinas fazem parte de um projeto chamado Jornada Ampliada que é uma modalidade da Educação Integral que dialoga com o ensino formal e traz elementos que dão condições pedagógicas para o fortalecimento do processo educativo e, conseqüentemente, da melhoria no ensino-aprendizagem, objetivando desenvolver um fazer pedagógico buscando a formação plena do educando no âmbito do conhecimento formal, da tecnologia, do letramento, das expressões artístico-culturais, da leitura e produção crítica de mídias audiovisuais, da

economia solidária e da consciência planetária a partir do trabalho com estas múltiplas linguagens e saberes em oficinas temáticas específicas. De acordo com Educador Social Binda¹, nos anos de 2011, 2012, 2013 e 2014 as oficinas ajudaram no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, onde foram trabalhados vários níveis como a socialização, criatividade, coordenação motora, memorização, vocabulário, entre outros aspectos. Através das oficinas de rádio, diz Binda, “os educandos puderam perceber traços da personalidade dos colegas, do seu comportamento individual e em grupo, traços do seu desenvolvimento, permitindo um melhor direcionamento para a aplicação do trabalho pedagógico desenvolvido pelos demais educadores”.

Segundo o Educador Binda, as pautas da rádio são voltadas aos temas sociais e pedagógicos, saindo do universo intimista dos educandos e servindo a comunidade escolar. “A ideia é formar educandos críticos e preocupados com outro, promovendo o protagonismo juvenil e o diálogo na comunidade escolar”. Ainda de acordo com Binda, o objetivo da iniciativa não é formar locutores, mas fazer com que os educandos tenham um primeiro contato com um mundo da educomunicação, melhorando a dicção, a expressão corporal, a desenvoltura e o trabalho em equipe. Segundo a Pedagoga Rech², do Centro Educacional: “(...) é possível perceber mudanças positivas nos educandos, as crianças que antes eram inseguras, quietas, tímidas, hoje se mostram confiantes, maduras, comprometidas e “cheias de vida”, pois com a rádio e a música conseguiram vislumbrar um futuro cheio de possibilidades e seguem confiantes, sentindo-se capazes de alçar novos vôos”.

Na entrevista com um educando Marcelo* foi perguntado: Qual a importância da rádio? Ele respondeu:

O que eu sou hoje, 50% é da rádio e 50% é da instituição. Porque se eu estou apresentando, se eu estou fazendo vídeo, se eu estou editando, se eu estou como colaborador no colégio Marista, graças à rádio. É porque tipo, em 2008, pelo menos, eu já tinha nesse processo de construção da minha personalidade, em ser um apresentador. Eu sempre tive vontade

1 Daniel Binda, Coordenador de projetos no Centro Educacional Marista São José e Educador Social na sala de educomunicação da mesma instituição. As informações obtidas foram de modo verbal.

2 Valéria Rech, educadora do fundamental I no Centro Educacional Marista São José. As informações obtidas foram de modo verbal.

de falar, então eu já tinha muito decidido que eu queria ser um jornalista, que eu queria fazer, apresentar, ter um programa próprio e hoje não é um sonho muito diferente daqueles tempos. Então, o meu processo de caminhada foi quando, nunca me esqueço, quando a Lucieni, a diretora chegou e com as minhas primeiras apresentações. Uma sobre o Bullying, que a gente reuniu a galera aqui no pátio, começamos a falar desse assunto. E era algo novo apresentar pra galera do colégio, eu quase morri. E hoje não tenho mais esse medo de chegar aqui, pegar um microfone e falar pra todo mundo porque é um processo que eu já vinha aprendendo, digamos assim, desde cedo (Entrevista, 2015).

Por meio do trabalho desenvolvido pela educomunicação, os professores conseguem resgatar o centro de interesse dos alunos, que antes se mostravam desmotivados diante do processo de aprendizagem, pois saem da mesmice da sala de aula, desenvolvendo um processo dinâmico e prazeroso. Desenvolvem pesquisas sobre diversos assuntos, fazem entrevistas, fotografam, filmam, enfim, registram tudo aquilo que consideram interessante para depois editarem os filmes, montarem jornais, panfletos educativos, fazendo da aprendizagem um recurso para difundir o conhecimento adquirido. Os temas abordados podem variar de acordo com a disciplina, como: meio ambiente, escassez e desperdício de água, causas indígenas, matemática e física aplicadas no dia a dia, geografia, história, línguas, informática, etc. Com isso, as escolas podem desenvolver um projeto anual, envolvendo todas as disciplinas, com a participação de todas as turmas, a fim de retratar algum assunto importante para a população.

Segundo Soares (1999), a rádio, como forma de educação, propicia o desenvolvimento da espontaneidade, ampliando a capacidade de compreensão e criação textual (considerando aqui a expressão de frases e o contar histórias), além de facilitar a aprendizagem de outros conteúdos educacionais. As oficinas têm trazido ganhos pedagógicos.

Por meio de oficinas de rádio na escola os educandos podem aprimorar a escrita e aprender a observar a mídia com outros olhos, tanto no sentido de ampliar o senso crítico como de buscar exemplos de ação a serem seguidos.

De acordo com o Educador Binda, os educandos da rádio ganharam vez e voz. Melhoraram a oralidade e começaram a apreciar a leitura. A rádio se tornou um instrumento importante na aprendizagem dos alunos, além de funcionar

como meio de entretenimento e lazer. De acordo com a educanda Mariana*, “as oficinas da rádio, teatro e TVQ ajudam as pessoas terem autoconfiança, a mostrar que as pessoas são capazes de qualquer coisa e que nesse mundo não existem barreiras que não possam ser superadas, tanto melhora na aula, como no conhecimento, comportamento, em tudo, porque na vida precisamos de ensino e quando crescermos isso pode nos ajudar”.

Segundo Educador Daniel*, além dos inúmeros ganhos, a rádio despertou um interesse dos educandos para a área de vídeos, surgindo assim o TVQ um programa de produção audiovisual incentivando o educando ao hábito da pesquisa, da leitura e da escrita, a elaboração de roteiros, desenvolvendo o compromisso, a reflexão e o senso crítico, promovendo o protagonismo juvenil, exercitando a comunicação oral e favorecendo o trabalho em equipe. O “TVQ – Te Vejo Na Quinta” contou com os seguintes quadros: Ação e cidadania, Esporte, Agenda Cultural e Entrevistas.

Ainda conforme Soares (2011, p. 31):

As oficinas de rádio favorecem o exercício de relacionamentos igualitários e colaborativos entre todos os membros da comunidade educativa, envolvendo professores e alunos. Isso ocorre, naturalmente, quando os educadores valorizam o trabalho em grupo e não as iniciativas isoladas deste ou daquele pequeno gênio. O grande benefício, no caso, passa a ser de natureza política: os alunos acabam aprendendo que existem outras formas de produzir comunicação, além do modelo clássico, pelo qual o direito de expressão é garantido apenas a indivíduos e grupos privilegiados política ou economicamente.

O substancial não reside no instrumental, ou na oficina que o educando escolheu, e sim na função que ele desempenha: abrir aos educandos canais de comunicação, através dos quais eles possam socializar os produtos de seu aprendizado. Isto é, criar a caixa de ressonância que transforme o educando em comunicador e lhe permita descobrir e celebrar, ao comunicá-la, a projeção social de sua própria palavra.

A escola que queremos e o olhar que precisamos para o processo de ensino-aprendizagem não é algo novo. Na verdade, o que há de novo é possibilidade de integrar, de acolher, de possibilitar que os educandos tenham acesso ao capital

cultural exigido pela escola e a sociedade, através de práticas educacionais (rádio, teatro, produção áudio visual), de contemplar o individual e o todo, o vazio e o cheio, o diferente e o igual, a multiplicidade e a singularidade, o construir e o desconstruir, em sucessivas idas e vindas. Possibilitar a autoaprendizagem e promover o protagonismo juvenil. Atitudes que podem ampliar olhares e visões de mundo, transformar e emprestar significados aos saberes nos diferentes momentos históricos, sociais e culturais. Em uma perspectiva que se abre, sucessivamente para muitas outras.

Contudo, esse artigo foi encarado, por nós, apenas como um ensaio, pois entendemos que ele foi o início de uma investigação que merece ser aprofundada dentro de um espaço de tempo maior, com consistência teórica, haja vista a relevância da temática na educação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APARICI, Roberto. Uma pedagogia da comunicação. In: **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

FREINET, Elise. **Nacimiento de uma pedagogia popular**, Laia, Barcelona, 1975.

FERREIRA, Manuela. Os estranhos sabores da perplexidade numa etnografia com crianças em jardim de infância. In: CARIA, Telmo (Org.) **Experiência Etnográfica em Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Extensión o Comunicación?** La concientizacion en El medio rural. Buenos Aires, Siglo XXI, 1973 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Madalena. **Educador, Educa a dor.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KAPLUN, M. Uma Pedagogia da Comunicação In APARICI, Roberto (Org.) **Educomunicação: para além do 2.0.** São Paulo: 2014.

_____. **El comunicador popular.** Buenos Aires, Humanitas, 1996.

MEKSENAS, Paulo. Métodos em pesquisa empírica. In: _____. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica: conceitos, métodos e práticas.** São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. **Do outro lado: A infância sob o olhar das crianças no interior da creche.** Dissertação (Área de Concentração Educação Infantil). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

OROFINO, Maria Isabel. Ciranda de sentidos: as crianças, consumo cultural e mediações. In: Fantin, Mônica. GIRARDELLO, Gilka (Orgs.) **Liga, roda, clica: Estudos em Mídia, cultura e infância.** São Paulo: Papirus, 2008.

PRIETO CASTILLO, D. **Comunicación, universidad y desarrollo.** Buenos Aires, Planesco, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** In: Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, Ano 1, jan. /mar. 1999, n. 2., p. 19-74.

_____. **Educomunicação: conceito, o profissional, a aplicação.** Contribuições para o ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

_____. **Educomunicação: um campo de mediações**. *Comunicação & Educação*. São Paulo: Segmento, v. 7. n.19. p. 12-24; set. /dez., 2000.

SARTORI, Ademilde Silveira. A prática pedagógica educomunicativa e a aprendizagem distraída: criando ecossistemas comunicativos pela mediação escolar. In: **Tecnologia de comunicação e cognição**. Organizado por Fátima Regis, Anderson Ortiz, Luiz Carlos Affonso e Raquel Timponi – Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 79-93.

_____. (Org.). **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos: diálogos sem fronteiras**. Florianópolis, DIOESC , 2014. p. 67,68.

STAMATOS, Maria Izabel Calil. **Protagonismo Juvenil: Uma Práxis Sócio-Histórica de Formação para a Cidadania**. São Paulo. 2009.



* Depoimento concebido para Edemilson Gomes de Souza em 2015, disponível em http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/edemilson_gomes_de_souza.pdf. Os nomes dos entrevistados são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

•● AUTORIA ●•

Edemilson Gomes de Souza – Mestrando em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: edemilsomgomes@hotmail.com.

Ademilde Silveira Sartori – Doutora em Educação, Coordenadora do Observatório Ibero-Americano de Educomunicação – Bernunça; Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia – EducomFloripa. Professora de Educação, Comunicação e Cibercultura do PPGE/FAED/UDESC. E-mail: ademildesartori@gmail.com.